

Suzane is the new Black

RESUMO

Neste artigo vamos falar sobre a exploração midiática do fait-divers através das histórias narrativas da presidiária Suzane, visto que, ela é a representação social no Brasil do que conhecemos como monstruoso, alguém que cometeu grande atrocidade contra o pilar da ordem social, a família. Ainda que vista como monstro desde seu ato assassino repousa sobre ela um mecanismo eficaz de manutenção da emoção e respiração do público de massa que acompanha seu caso sempre em alta tensão. Assim como nas séries de TV, especialmente em *Orange Is The New Black*, com as narrativas sobre presidiárias, Suzane segue o seu percurso como num romance folhetinesco vivo e seriado, que ronda os discursos midiáticos e que por sua vez, sempre deixam a história inacabada com a espera de um novo número, uma nova edição, que não deixa morrer a curiosidade do seu público.

Palavras-chave: Suzane Von Richthofen; representação; narrativa; crime; fait-divers; monstruosidade.

Suzane, a nossa Piper Chapman.

“*Assim você mata o papai*” é a frase da letra da música do grupo de pagode Sorriso Maroto, lançada em 2012 e automaticamente acoplada pelos criadores de memes nas redes sociais à fotografia da jovem assassina Suzane Von Richtofen. Presa desde 2002, quando planejou a morte de seus pais, a expatricinha da zona sul de São Paulo jamais foi esquecida pela mídia. Suzane é lembrada como um dos maiores ícones do crime no Brasil todos os anos. Ela é a representação social do que conhecemos como monstruoso, alguém que cometeu grande atrocidade contra o pilar da ordem social, a família e, ao mesmo tempo, se tornou também um personagem de enorme atração da cultura do entretenimento midiático. Suzane é o “pretinho básico” que não sai da moda do crime nas páginas dos jornais, revistas e das telas da TV.

Depois da revelação de toda a trama do assassinato, combinado com seu ex namorado Daniel Cravinhos e o cunhado Cristian, Suzane já incorporou diversos personagens na frente das telas da TV. De pantufas, com calopsitas nos ombros, fez uma menina tímida, sensível e arrependida até que a câmera escondida do programa *Fantástico* da TV Globo revelou a armação da criminosa junto aos seus advogados. “*Suzane Richtofen é orientada a chorar na TV*”, diz O Globo no dia seguinte a entrevista.¹

Alguns anos depois, já condenada a 39 anos de prisão, surge o fato, noticiado por diversos meios de comunicação, especialmente divulgado nas redes sociais, de que a moça declarava-se evangélica e que fora ordenada pastora. Em tempos de grande crescimento da religião evangélica no país, inclusive na bancada de deputados e senadores, algumas publicações diziam que a detenta teria sido nomeada pelo deputado Marcos Feliciano a nova presidente da Comissão de Seguridade Social e Família. Mas o exagero, ou melhor, o humor negro, que colocava neste cargo o exemplo de crime de parricídio no Brasil foi logo negado pelo pastor que publicou um artigo em seu site desmentindo a situação. De qualquer forma, foi uma boa pauta para deixar mais uma vez em evidência o nome de Suzane nas mídias e causar um grande espetáculo midiático.

A performance da jovem presidiária não se esgota. Não se sabe quem é que sente mais falta da pauta Suzane Von Richtofen nos noticiários, se é ela mesma ou a própria mídia que a condena. No ano de 2014, ela fala exclusivamente em entrevista para a revista *Marie Claire*: “isso aqui é um paraíso”, sobre o presídio de segurança máxima de Tremembé/SP. Essa entrevista veio combinar com a fama de uma das maiores produções do site Netflix, a

série *Orange is the new Black* que traz a narrativa de uma jovem parecida com Suzane. A personagem Piper Chapman é loira, com beleza padrão americana, de classe média novayorkina, com uma vida aparentemente ajustada, noiva heterossexual a espera do casamento. Ela é incriminada pela justiça a passar um ano na cadeia e a idéia da série é contar a vida de Chapman durante este ano. Na prisão feminina, a moça reencontra uma mulher do seu passado, por quem se apaixonou e se revela lésbica e criminosa tanto como outras prisioneiras.

A proximidade da entrevista de Suzane com *Orange is the New Black* obteve ainda maior repercussão nos meios de comunicação, especialmente, nas redes sociais da web, quando ela declarou que iria se casar com uma companheira presidiária. Portanto, deixando de ser pastora evangélica, sairia da ala das religiosas e entraria para o grupo das lésbicas para dormir junto de sua amada, a sequestradora Sandra Regina Gomes. Com tamanha fama das presidiárias no Netflix, Suzane virou capa da série nas montagens de photoshop no lugar de Piper Chapman. Essa foto que traz Suzane ao centro junto das outras personagens principais da série foi acompanhada por frases nas redes sociais que despertavam orgulho e deboche: “*Nós também temos uma Piper*”, ou “*Suzane Chapman*”, ou “*Orange is The New Black Brasil*”, e até “*Órfã is the new Black*”.

E não foi apenas a série que levantou mais uma vez o nome de Suzane nas mídias brasileiras. Seu casamento não havia surgido de uma forma simples de amor, mas a partir de uma história cheia de requintes novelescos, dignos da fama dos folhetins do século XIX. A Folha de S.Paulo conta que Sandra, a nova mulher de Suzane teria sido casada com Elize Matsunaga, condenada de esquarterar o próprio marido, Marcos Kitano Matsunaga, o ex-dono da empresa Yoki.

“No começo deste ano, Sandra havia se casado com a também famosa (grifos meus) Elize Matsunaga (...). O relacionamento entre Eliza e Sandra terminou, segundo relato de pessoas ligadas ao ex-casal, justamente em razão de Suzane. As três trabalhavam na fábrica de roupas da prisão, onde Suzane ocupa cargo de chefia. O triângulo amoroso rompeu a amizade entre elas.” (Folha de S.Paulo, dia 28.10.2014)

Lê-se que o jornal chama a atenção do seu leitor para a celebridade assassina e marca, ao contar a trama das presidiárias, a intriga causada por Suzane, que nas entrelinhas é alguém que permanece cometendo maldades. Mais à frente a matéria conta ainda que “*por outras penitenciárias por onde passou, Suzane sempre despertou paixões*”. E fala sobre duas funcionárias da prisão de Rio Claro que brigaram pelo amor de Suzane e também de um promotor de Ribeirão Preto que se apaixonou pela moça prometendo tira-la do mundo do crime.

Existe algo em Suzane que provoca paixões não só nas suas relações pessoais, mas na sua figura intrigante. A moça traz consigo uma narrativa de vida - construída por ela mesma e também pela mídia - que provoca curiosidade tanto sobre o motivo pelo qual ela possa ter cometido tal crime, quanto por sua própria aparência estereotipada de princesa. É uma jovem educada, com voz suave, que demonstra timidez e delicadeza, mas que carrega a marca simbólica da monstrosidade. Como poderia essa figura angelical ser ao mesmo tempo um típico demônio mau? Suzane é como descreve Ervin Goffman em sua obra *Estigma*, uma atriz social com máscara estigmatizável e desacreditável, pois pode manipular as informações sobre seu eu. Mesmo sendo condenada a um crime violento suas performances podem confundir essa realidade.

Ainda que vista como monstro desde seu ato assassino repousa sobre ela um mecanismo eficaz de manutenção da emoção e respiração do público de massa que acompanha seu caso sempre em alta tensão. É como se Suzane fosse em si um romance folhetinesco vivo, que ronda os discursos midiáticos e que por sua vez, sempre deixam a história inacabada com a espera de um novo número, uma nova edição, que não deixa morrer a curiosidade do seu público.

Este artigo vai tratar dessa lógica da fama de uma mulher criminosa, apaixonante, sedutora, que não sai da moda por ser um personagem surpreendente desde o momento em que cometeu um dos maiores crimes da humanidade, o crime contra a sua própria família. Para isso, é preciso pensar as reverberações da mídia no caso Richtofen como uma continuidade memorável das narrativas dos romances populares do final do século XIX, ou dos folhetins que trabalhavam com a dinâmica do *fait-divers*². E assim, farei uma análise de como a cultura midiática trata o gênero feminino monstruoso, a típica bruxa com roupagem de princesa. Como a loira de cabelos lisos arrumados, criminosa maquiada, com unhas pintadas, se mostrando sensível e amável, cria no público de massa a possibilidade de fazer intrigas sobre a possível existência de uma mulher maligna sem fragilidades? Que tipo de comentários e discussões cria este personagem tão complexo que não sai da moda: Suzane Richtofen.

Um anjo caído vestido de fait-divers.

*You look like an angel.**Walk like an angel**Talk like an angel**But I got wise**You're the devil in disguise**Oh yes you are**The devil in disguise**(Elvis Presley)*

A parricida se casa com a sequestradora. Diversos meios compartilharam a matéria sobre o novo romance de Suzane Von Richtofen na cadeia. Quando o blog de entretenimento e fofocas Hugo Gloss, por exemplo, publicou no Facebook a notícia, uma enxurrada de comentários femininos apareceram, além dos 3.500 compartilhamentos e 8.642 curtidas. Dentre os 4.250 comentários, alguns valem destaque:

Clara A.: “Rápidão. A unha dela está feita e a minha não. Ok, estou aceitando.” (mais de 3 mil curtidas neste coment).

Bruno YG: “Orange is the new Black é você? (1.662 curtidas e 23 respostas com risadas.)

Henri de S. M.: “Essa Suzane é realmente um mistério. Cresceu como Barbie, amadureceu como psicopata, foi presa e passou de psicótica a evangélica e depois lésbica. Só falta virar candidata na próxima eleição.” (312 curtidas)

C.U.: “Casal boca de confusão”. (163 curtidas)

resposta em destaque: F. Matos: “Ela casou com uma sequestradora que era mulher da Elise Matsunaga, que esquartejou o marido... E eu achava que eu é que tinha o dedo podre”. (10 curtidas)

L.Campos: “Alem de matar os pais fura o olho dazamigas. Vá de reto Satanás!” (54 curtidas)

A vida de Suzane inspira o imaginário social e não é só pelo fato dela ter cometido uma barbárie, ou por de tempos em tempos aparecer alguma novidade na sua vida, mas por ser mulher, por fazer parte de um padrão de beleza e por manter essas referências mesmo presa. A surpresa por trás destes comentários é: como uma pessoa monstruosa pode estar tão bem arrumada, ou, como pode ter articulações da trama da sua vida que parecem ser mais animadas e exóticas do que a vida comum de alguém. Suzane é o símbolo feminino de adrenalina, que provoca intrigas, com uma vida pulsante, mesmo estando num presídio.

Ela calculou um crime com detalhes, isso marcou sua frieza, pois não o fez por impulso ou por um descontrole emocional momentâneo, incontrolável que poderia tê-la deixado com imensa culpa. Além disso, matou a mãe e o pai - o totem da sociedade moderna segundo Freud - anulando assim a ordem suprema da sua vida que deveria ter sido pautada pelo interdito do “não matarás” bíblico como acontece com a maioria das pessoas consideradas normais. Toda a tragédia da vida de Suzane não está apenas ligada a estas características citadas, pois o que faz dela uma pessoa excêntrica é não existir nas narrativas sobre a sua pessoa uma interpretação plausível que dê conta do seu ato assassino. Não há nada aparente que faça com que as pessoas entendam o motivo dela ter feito o que fez, suas feições, seu comportamento, sua vida antes do crime, seu histórico como presidiária. Os códigos de interpretação sociais não são suficientes para dar conta do que é Suzane a não ser os formatos mais conhecidos pelo senso a respeito da personificação do mal: bruxa, satanás, demônio, ou psicopata.³

A transgressão da ordem social é instigante para todos que vivem regradados por ela e por isso, as narrativas de crime fazem sucesso e dependendo, os personagens dos crimes narrados ficam sendo lembrados por longo tempo como os grandes conspiradores desta ordem. E pensar que essa transgressão foi originada por uma mulher, que por séculos esteve castrada no seio familiar, é estar ainda mais próximo do horror. O crime fascina, inspira romances e dramaturgias, mas neste caso, o crime não veio só com sua barbárie, ele traz consigo um *fait-divers* de uma personagem que não sai de pauta, e que se transforma, inclusive, em entretenimento, uma mulher com rostinho semelhante as clássicas princesas dos contos de fada que tem em sua vida a marca de um grande crime.

Suzane é o também conhecido “*demônio com roupas de anjo*”, como diz o dito popular ao imaginar que alguém esconde o seu mal pela aparência de um bem supremo, como uma santidade com voz doce. Um prato cheio para o *fait-divers* como um dia foi a história do desenho animado Caverna do Dragão em que o personagem Mestre do Magos, um senhor bonzinho, incorporado pelo Vingador, o vilão da história que enganava os jovens e não os levava nunca de volta pra casa. E nós, espectadores dos anos 80, todos os dias esperávamos por esse milagre, presos por um sistema narrativo do “continua amanhã” durante anos, embriagados pela voz tranqüila do anão.

Como nos mostra Dominique Kalifa (1995) em “*Léncre et Le sang*”, durante séculos os crimes são o ópio do povo, alimentam tanto os discursos dos jornais como os comentários pelas ruas. Explorar uma narrativa do *fait-divers* é trazer para a realidade o horror proibido e é o proibido que instiga.

Quando um jornalista ou um romancista constrói um texto com base no *fait-divers* ele está criando uma narrativa sedutora. Muitos especialistas franceses que estudaram este conceito, como Roland Barthes, Kalifa, Marlyse Meyer, Jean-Yves Moulier, pensam que a premissa básica da narrativa dos romances policiais está na reverberação do crime e não o ato de violência em si. O sangue da informação, que escorre nos jornais, ou nos livros não tem forças para se manter sozinho em evidência por muito tempo. Muitas vezes importa mais para o leitor e o narrador o mistério do crime narrado ou a própria falta de motivos que constitui a tragédia.

Todas essas tramas que envolveram o nome de Suzane Von Richtofen nos últimos tempos, especialmente, o seu casamento tão comentado quanto a série da moda *Orange is the new Black*, abriram depois de muitos anos a possibilidade do público brasileiro ver a jovem assassina falar novamente na TV. Desta vez, foi a Rede Record, com o programa do Gugu Liberato, quem entrevistou Suzane na cadeia no segundo semestre de 2015. O próprio Gugu faz uma grande reportagem com uma conversa de mais de 1 hora com a prisioneira e Sandra, sua nova esposa.

Suzane aguarda o apresentador numa sala, onde ele entra sorrindo, e ela com muita simpatia e também sorridente o cumprimenta. Ao responder as perguntas parece sempre relaxada e segura, sem constrangimento. No vídeo, Gugu faz algumas narrativa entre as perguntas e na primeira ele diz: *“A Suzane que está diante de nós hoje é uma mulher bonita, cabelos compridos, pele bem cuidada, unhas feitas, como se o tempo tivesse parado pra ela.”* E emenda numa pergunta:

Gugu: “Vi que você está com um esmalte azul com florzinhas. Como que chama isso?”

(foco nas unhas da criminosa)

Suzane: Adesivo.

Gugu: “Você é uma moça vaidosa, né?”

(Roda um VT com uma arte que congela o rosto da moça e uma voz forte que diz: **Uma mulher vaidosa!**)

Suzane: “Mesmo aqui a vaidade é uma coisa que faz parte de mim. Acho que mulher tem que se cuidar, em qualquer lugar.”

Gugu: “Você sempre foi vaidosa?”

Suzane: “Sempre”.

(...)

Gugu: “Você usa calça jeans?”

Suzane (rindo): “Não! Nossa, há muito tempo que não sei o que é uma calça jeans, aqui não tem não.”

Gugu: “Você está mais magra?”

Suzane: “Não, acho que estou igual”.

A preocupação do apresentador em falar da beleza de Suzane não é a toa. A idéia dela parecer mais uma princesa do que uma espécie de bruxa realmente confunde a cabeça das pessoas que culturalmente cultivaram uma verdade plena tal qual aparece nos romances e narrativas policiais em que o monstruoso, o culpado era feio, mal encarado, com um nariz grande com uma verruga nojenta na ponta, ou teria uma feição grotesca, esquisita e misteriosa. A beleza de Suzane intriga, como podemos ver, incomoda pela idéia de existir um monstro lindo, um anjo que não habita no céu. Podemos perceber isso mais claramente com os comentários dos internautas no vídeo desta entrevista no Youtube⁴, onde até uma pessoa com o nick name de Charles Manson, o maior serial killer da história do crime nos Estados Unidos, diz: “*ela é muito bonita mesmo*”. E outros com fascínio pela mulher assassina comentam:

MTHS: “cara sério eu não sei se é algum grau de psicopatia, ou atuação de uma pessoa que não sente remorso, mas é inegável que ela é muito linda simpática passa até uma imagem de doçura e simplicidade. sério chega a ser apaixonante kkkkkkkkkkk”

E. S.: “sa porra é mais bonita que muita solta por ai hahaha”

Matos: “casa com ela, só no pode trata-la mal senao...”

A. Jr.: “Eu pegava, com medo, mas pegava.”

- **Marcia Costa:** “pega sim, mas nao dorme senao vc acorda no céu. A parada dela é deixar dormir, depois matar!!!”.

D: “a cadeia está fazendo bem pra ela, ela está virando a Débora Seco.”

- **Unicórnio Lyndo:** “Até na cadeia ela consegue ser mais bonita q muita gente kkkkk”.

- **JL.:** “De q adianta a beleza por fora? Se tá podre por dentro? vazia fria assassina! Áfff”.

- **A. A.:** “É isso mesmo J. vc está correto o que é bom não dá Ibope e sim o que não presta. Mas Suzane é linda, mas não presta.”

A perversidade pode ser bela, esta constatação causa medo, pois traz a idéia de que o mal pode ser invisível e estar em qualquer um. Aprendemos com a modernidade a ser controlados, vigiados, punidos e disciplinados até que percebemos que nem tudo pode ser controlado como imaginamos. Não ter garantias deste controle da maldade nos deixa a deriva no mundo do

risco. E Gugu também foca em algo que parece amenidade, mas sabe o que impressiona seu público além da violência em questão.

A performance de gênero feminino não é algo natural, é fruto de uma construção social possibilitada e reforçada em diferentes âmbitos da vida através do discurso, como mostra Judit Butler (2000), ou apenas deduzido de um corpo. Não é porque Suzane tem um corpo de mulher que ela seria feminina e não é pelo fato dela ter se transformado numa assassina que ela também não poderia ser vista como mulher e muito menos por ela ter se anunciado lésbica. A personagem que ela é só se torna possível pela dinâmica clássica da construção das identidades de gênero. Neste caso, a designação de ser tanto feminina ou monstruosa é uma questão construída por reforços discursivos. Quando o apresentador pergunta sobre suas unhas, se ela é vaidosa sempre e ela responde que a mulher tem sempre que se cuidar, estão ambos reafirmando este lugar. Isso fica mais acentuado quando a esposa de Suzane, com traços mais masculinos que ela, e que o próprio Gugu, participa da entrevista. Enquanto Sandra entra na sala uma narrativa do Gugu diz: *“Uma mulher alta, de cabelos curtos. A aparência dela contrasta com a de Suzane, uma menina de unhas feitas, magra e de cabelos longos”*⁵. Segue a entrevista:

Gugu: “A Sandra gosta dessa sua vaidade assim?”

Suzane: “Gosta. Ela não entende muito da minha vaidade, mas ela gosta.”

Gugu: “Sandra, você assusta as outras presas por ter esse jeito assim...”

Sandra: “Não, porque não é tudo isso. Eu sou bem brincalhona. Mas tem situações que a gente tem que colocar os pés no chão, tipo acorda, você não está sonhando não.”

Gugu: “Quando ela chegou, ela logo te chamou atenção?”

Sandra: “Sim, eu já olhava. Todo mundo olha, ela chama atenção, mas foi diferente.”

(...)

Gugu: “Você imaginava, sendo ela heterossexual até então, você imaginava que ia conseguir chegar nela?”

Sandra: “Não. Foi um dia em que eu disse: ah não agüento mais vou ter que falar.”

Gugu: “E você disse o que pra ela?”

Sandra: “Se você não quiser mais falar comigo, eu vou te entender, eu sei que a gente é amiga, mas eu to apaixonada por você.”

Gugu: “E o que ela te disse?”

Sandra: “Ela começou a tremer”.

Suzane: (risos) “Quando eu fico nervosa eu tremo”.

Sandra: “Eu disse pra ela: calma. E ela respondeu, é loucura, mas eu também.”

Gugu: “E se você sair, vai deixar a menina aqui?”

Sandra: “Mas agora é diferente, agora é de verdade. Ela se assumiu.”

(...)

Gugu: “Numa única palavra, Sandra, como você define a Suzane?”

Sandra: “Meiga”.

Gugu: “E você Suzane, como você define a Sandra?”

Suzane: “Leal. A Sandra é extremamente leal, extremamente fiel. Fiel a si própria, ao que ela acredita. É uma pessoa muito leal”.

Gugu: “Sandra, a Suzane é sentimental?”

Sandra: “É, um pouco. Um pouco assim, grande.”

Gugu: “Mas ela é sentimental de chorar, de se emocionar?”

Sandra: “Se emociona muito fácil, assim, com alguém. Por exemplo, teve uma colega nossa que infelizmente teve um problema de saúde agora e ela se emociona em ver a pessoa como era antigamente e hoje o estado que ela está dependendo de outras pessoas. Então, ela é bem solidária também. Ela tem o coração de olhar e ver o próximo, o que o outro necessita.

Gugu: “você acha que ela é sensível, não é uma mulher fria?”

Sandra: “Não. Nem um pouco”.

Gugu: “Ela é quente?”

Sandra: (risos) “Muito quente”.

(...)

Gugu: “Você não tem receio que a Suzane se apaixone por um homem?”

Sandra: “Não mais.”

A mídia brasileira desde a ocorrência do crime na vida desta moça teve o trabalho de criá-la como um ser monstruoso e pelo que parece, depois de anos, talvez por conta de um questionamento popular foi preciso nesta entrevista também reforçar seu lado feminino não só para torná-la mais doce ou sensível, a absolvendo da sua monstruosidade, mas para mostrar sua ambiguidade e discursivamente continuar alimentando este personagem como algo inexplicável aos olhos do senso comum. Por meio desses discurso performativos o programa do Gugu reitera não só a feminilidade de Suzane como têm a oportunidade de promover e reforçar o imaginário sobre o gênero feminino às identidades de quem assiste o programa. As perguntas

do apresentador tentam mostrar a sensibilidade de uma pessoa conhecida nacionalmente como uma fria assassina, sem coração ou culpa. E também reforça os estereótipos das mulheres tanto mais femininas quanto mais masculinizadas como Sandra.

O fato da companheira de Suzane ser mais masculina que ela faz com que Gugu intensifique a idéia de que Sandra é o homem ativo da relação, aquele que se aproxima primeiro, que tem a responsabilidade de cuidar da moça não abandonando-a. Na pergunta final, o apresentador lança o clássico questionamento de quem não compreende a homossexualidade, e percebe apenas a relação de gênero como bipolarizada - sob a existência do homem e da mulher – ignorando, portanto, a diversidade na construção de gêneros, quando tenta entender se Sandra não tem medo de Suzane a trocar por um homem de verdade. Gugu reitera o machismo fortemente enraizado na nossa cultura.

A admiração pela beleza de Suzane aparece nos comentários, como vimos antes, mas a maior parte das falas das pessoas que assistiram ao vídeo é de repugnança à assassina. Não existem muitos comentários sobre o fato dela manter um relacionamento homossexual. As pessoas contestam ser um absurdo o programa de TV dar voz a ela e demonstram indignação e incomodo por ela parecer fria, por ela não chorar em nenhum momento ou demonstrar arrependimento genuíno:

R.C: “*não derrama uma lágrima. Psicopata!*”;

Bela Swan: “*chega dar um nojo*”;

TF: “*como o Gugu da ibope para uma vagabunda e assassina dessa?*”;

AF: “*fria...*”;

Pierre: “*ela é uma excelente atriz! Daqui a pouco ela estará nas telas dos cinemas*”;

Fran: “*uma atriz, um monstro e uma brega...e ainda se sai de celebridade, uma ridícula e mentirosa.*”

Outras pessoas demonstram ser tão cruel quanto Suzane e talvez façam dela um espelho para seus mais profundos desejos inconscientes, suas próprias vontades de matar o pai, como nos diria Freud:

Baby finholdt: “O mundo é injusto...Todas as presidiárias recebem visitas de pais e mães...Ela pobrezinha, não recebe...Isso é muito injusto! Deveria haver uma maneira de despachá-la para o além, assim ela não ficaria mais sozinha...”

Márcio S. : “Baby finholdt e o que vc sugere ? digo mata-la como cadeira elétrica, eutanazia ou que ?”

Felipe: “Eu sugiro executar essa”anjinha”com marretadas na face enquanto ele dorme...oque você acha????”

Suzane desde o seu crime se transformou num flé mignon da mídia brasileira no que diz respeito a reportagens sobre crime, entrou para a história do jornalismo policial por sempre suscitar expectativas. No ano de 2016, no dia das mães, ela recebeu como todas as presas, o direito de ficar um dia fora da cadeia. Como esta notícia não poderia ser um prato cheio para a imprensa?⁶ Uma pessoa que matou a própria mãe ganha o direito de liberdade em dia de homenagem às mães. Este é um direito, um benefício de todo o presidiário no regime semi-aberto, com bom comportamento, cujo objetivo é de reinserir o reeducando na sociedade. Os presidiários podem sair cinco vezes durante o ano, em datas como Páscoa, Dia das Mães, Paes, Dia das Crianças, e o período entre o Natal e o Ano Novo. Mesmo que Suzane tenha conquistado este direito em outubro de 2015, a mídia não poderia deixar de falar sobre isso, visto que sabia que criaria fofoca, que incitaria muitos comentários e faria crescer a audiência do público.

Mas além do interesse midiático, Suzane também contribui. Nesta saída no dia das mães a jovem penitenciária cedeu o endereço errado para o presídio. O programa de TV Fantástico⁷ teve acesso ao termo de compromisso que Suzane assinou para sair na data do Dia das Mães. Ela disse que ficaria numa casa na Rua Coronel Ludovico Homem de Goes, em Angatuba, São Paulo, quem tem 350 quilômetros de distancia do presídio de Tremembé onde está presa. O termo exigia que Suzane ficasse nesta casa entre o horário de nove da noite até oito da manhã do dia seguinte. Não poderia consumir bebida alcoólica, freqüentar bares, boates ou *lugares de reputação duvidosa*, como chama o sistema carcerário.

O Fantástico foi até o endereço dado por Suzane e descobriu a sua mentira, pois neste endereço fica uma loja de tecidos e não a casa dos amigos para onde ela disse ter ido. O repórter do programa entrevista do dono da loja que mora nos fundos e ele diz que jamais viu a jovem por lá, e que não a conhecia como pessoa, somente pela televisão. A equipe do Fantástico entrou em contato com o Secretário da Administração Penitenciária, o Sr. Lorival Gomes, que enviou a policia no endereço deixado pela presidiária. A policia descobriu que esta loja era um antiga farmácia que pertencia a irmã de uma mulher que estava presa junto com Suzane. O repórter então, muito interessado, foi até a casa da antiga proprietária da farmácia e recebido por uma advogada que não quis gravar entrevista, mas que disse que tinha sido procurada por Suzane naquela semana.

Alguns dias depois a reportagem mostra que Suzane foi encontrada, segundo relatos da administração de Tremembé, e que já havia sido presa novamente. No final da matéria o repórter pergunta: qual será a punição de Suzane? Cobrado esta resolução as seguintes matérias a este acontecimento produzidas por diversos veículos de comunicação dizem que Suzane vai para a solitária e perde o direito do regime semi-aberto.

Mas esta história não poderia acabar com este mistério, que certamente, é a porta de entrada para a continuação desta narrativa. Não foi a toa que a Revista Veja de São Paulo após o furo de reportagem do Fantástico busca saber onde estava Suzane. Qual foi o endereço correto onde a encontraram depois de quatro dias desaparecida? E a revista publica a verdadeira história desvendando todo o mistério, mas criando ainda mais intriga e perplexidade para seu público e todos aqueles que há anos acompanham a saga seriada que chamamos aqui de “Suzane is the new Black”:

“Em uma das casas do endereço informado por Suzane à Justiça reside o genro do novo namorado de Richthofen. O homem que está se relacionando com Suzane tem 37 anos e mora em Itapeva, mas possui uma empresa de transportes e mudanças em Angatuba. Ele segue há doze anos a igreja evangélica e visita todo mês em Tremembé sua irmã, condenada a 18 anos e nove meses por um crime ocorrido em 2012. Ele e Suzane começaram a se aproximar no segundo semestre do ano passado nos dias de visitas em Tremembé. O rapaz se divorciou em setembro de 2014 e Suzane terminou o relacionamento com Sandra Regina Ruiz Gomes, o Sandrão, com quem morou junto numa ala da cadeia destinada a casais, após a ex-parceira ser transferida para o regime semiaberto em março de 2015. Hoje, Sandrão cumpre pena no Centro de Ressocialização Feminina de São José dos Campos.

No dia 11 de março deste ano, após catorze anos presa, Suzane deixou pela primeira vez a penitenciária para a saída temporária de Páscoa com destino à casa do namorado, em Itapeva. Enquanto todas as detentas saíram por volta das 9h da manhã daquela data, Suzane foi a única a deixar o local às 15h35 usando um disfarce. Ela saiu com uma peruca e embarcou dentro de uma caminhonete cinza de um cunhado do namorado. No noite do domingo passado, Suzane estava no sítio que pertence a um parente de seu namorado. Procurados pela reportagem de VEJA SÃO PAULO, nenhum dos dois quis falar sobre o romance.”⁸

O programa Domingo Espetacular faz uma reportagem também sobre o caso de Suzane e Rogério, seu novo namorado.⁹ No vídeo desta matéria os jornalistas fazem algumas entrevistas com amigos de Rogério que dizem aceitar a relação dos dois, mostra o fato dele ter sido demitido após esse envolvimento e todas as consequências que tiveram em sua vida, desde o desemprego até a revisão das visitas na guarda de seus filhos. A matéria também tentar contar de forma detalhada como o casal se conheceu e para

isso, narra a história do crime que condenou a irmã do namorado de Suzane, o que deixa esta história ainda mais espetacular. Luciana foi condenada a dezenove anos de prisão por abusar sexualmente das próprias irmãs, gêmeas de três anos de idade. Com toda trama bem enredada para que chame atenção do leitor e o prenda nesta narrativa, qual seria o motivo de falar do crime da irmã de Rogério?

A edição deste programa seleciona esta informação para construir o acontecimento a partir de todas as anormalidades existentes nele, tendo consciência de que é isso que o público quer saber, exatamente o que é fora do comum, como já falamos anteriormente neste artigo. *“Ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade, transformando-o em acontecimento, e ao escolher a forma da narrativa, o jornalista está constituindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade.”* (BARBOSA, 1994).

Muniz Sodré cita uma fala de G. Auclair ao estudar as funcionalidades do *fait divers* no seu livro *A Narração do Fato*. Diz: *“A crônica do fait-divers é como o lugar da satisfação simbólica das frustrações mais elementares, em que se busca dar-se o equivalente ilusório de uma experiência total do homem através do excepcional, do atípico e do desviante, viver ficticiamente a impossível transgressão da ordem social, roubar, matar em sonho.”* (SODRÉ, 2009, p.250). Explorar uma narrativa do *fait divers* é trazer para a realidade o horror proibido e é o proibido que instiga o leitor. Quando um jornalista ou um romancista constrói um texto com base no *fait divers* ele está criando uma narrativa de sedução para o leitor, como já falamos antes.

O leitor é seduzido pela intriga provocada pelo texto, em que o mistério é o chamariz, mas também é atraído pela consciência moral daquele que o seduz. Muniz Sodré neste livro traz uma discussão sobre a afinidade narrativa do crime nos romances policiais e no jornalismo. Ambos, como mostra o autor, organizam, em episódios sucessivos, algum fato que merece ser analisado. Para ele, a estrutura textual dos romances policiais é similar à forma de construção narrativa de um acontecimento jornalístico, pois ambos criam a mesma maneira de desenrolar um novelo que segue em direção da busca de uma identidade ou motivo desconhecido. E sobre identificar e punir o criminoso no romance policial, Muniz diz que: *a principal função ideológica desta literatura é a demonstração da estranheza do crime. Caracterizando o criminoso como algo à parte, um ser estranho à razão natural da ordem social, o romance policial faz parte dessa pedagogia do poder que, através da diferenciação dos ilegalismos, constitui e define a delinqüência.* (SODRÉ, 2009, p.260)

Alguns programas de fofocas de diferentes canais televisivos gastam tempo de discussão sobre a vida de Suzane e seu novo romance. Os jornais no final

de maio de 2016, quando este fato do novo namoro de Suzane estava em alta publicaram muitas matérias como estas, por exemplo: “Namorado de Suzane Von Richthofen diz ter perdido emprego após início de relacionamento” (Extra no Rio de Janeiro)¹⁰; “Rogério, o discreto namorado de Suzane no interior de São Paulo”(Estadão)¹¹. Tudo isso faz destes veículos de comunicação os *Senhores da Memória* de que fala Marialva Barbosa¹², cujo trabalho é serem os guardiões da memória de Suzane Von Richthofen, de não deixar morrer sua história, não apenas como criminosa, mas como um personagem ímpar para a trajetória do jornalismo investigativo e do crime no Brasil.

Não tem nenhuma informação sobre Suzane Von Richtofen que não caiba numa boa narrativa esquematizada pela excentricidade do *fait-divers* e que não mexa com o fôlego dos espectadores que acompanham o caso desde sua origem. Ao pensar nesta estratégia de escrita no tempo dos folhetins - fim do século XIX e início do séc. XX - o crítico soviético Leonilde Grossman faz um comentário (MEYER,2005) sobre as obras de Dostoiévski, que nos serve perfeitamente também para pensar as narrativas sobre Suzane que discutimos aqui:

“O desejo de mesclar o excepcional com a massa mais espessa do cotidiano, de tentar fundir, segundo o princípio romântico, o sublime com o grotesco, e por meio de transformações imperceptíveis levar a imagens e manifestações da realidade cotidiana até os limites do fantástico.”

Suzane está na tradição do gosto popular que é marcado culturalmente pelos romances sensacionais desde alguns séculos passados, “*injetados como venenos de sensação à experiência vivida*”, como disse Walter Benjamin (1997) . Mas, ela também é o que Gramsci (1968) chamou de *democracia sentimental* formada por uma *massa de sentimentos* da qual se exprime um conteúdo ideológico conservador-reacionário, que aparece quando lemos os comentários a seu respeito. A jovem do pretinho básico, mesmo expressando muitas contradições, representa o conservadorismo da monstruosidade, daquilo que não conseguiremos desconstruir facilmente, por não reconhecer como igual a nós mesmos. E com a *folhetinização da informação* que enquadra o vilão e absolve a vítima, não nos restou outra chance de pensar Suzane a não ser a como a típica bruxa monstruosa vestida de pele de cordeiro, ou de preto básico.

Referências

- BARBOSA, Marialva. *Senhores da Memória*. Niterói, tese de Professor Titular, UFF, 1994.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- _____. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Paris: capitale du XIXe Siècle**. Paris, Le Cerf, 1997.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. *Mereby Cultural Social Text 52-53*. Vol. 13. Fall-Winter, 1997. In: *Feminismo, Sexualidade e Justiça no debate entre Judith Butler e Nancy Fraser*: CYFER, Ingrid. São Paulo: UNIFESP, 2011. FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- GOFFMAN, Ervin. **Estigma** : notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, LTC, 1988.
- GRAMSCI, Antônio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- KALIFA, Dominique, *L'encre et Le sang: récits de crimes et société à La Belle Époque*. Paris, Fayard, 1995.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- MOLLIER, Jean-Yves. **“Le parfum de la Belle Époque”, *La Culture de masse en France de la Belle Époque à aujourd'hui***, dir. RIOUX, Jean-Pierre, et SIRINELLI, Jean-François, Paris, Fayard, 2002, p. 72-115.
- _____. **O nascimento da cultura de massa na Belle Époque: implantação das estruturas de difusão de massa**, *Revue Étude Littéraires*, v. 30, n1, Paris, 1997.
- Sodré, Muniz. **A narração do fato**. Rio de Janeiro. Vozes. 2009.

Nota

- 1 Jornal O Globo, O País, página 8. Segunda-feira, dia 10 de abril de 2006.
- 2 *Fait divers*, romances policiais, gravuras, filmes ou músicas, formas de histórias de crimes familiares ao final do século XIX, uma onda singular. O crime ensanguenta o papel e todo o país parece estar preso em uma estranha febre de homicídios. Este crescimento excepcional dura até a eclosão da I Guerra Mundial, que, por um tempo, o substitui outras imagens” Dominique Kalifa (1995, p.19).
- 3 Ver tese: BRASILIENSE, Danielle. “Quando o filho mata o pai”. Rio de Janeiro. ECOPÓS. UFRJ.
- 4 Em 01.06.2016: <https://www.youtube.com/watch?v=bT9qgaO4KFg>
- 5 <https://www.youtube.com/watch?v=1fj1ywWRqas>
- 6 <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2016/05/suzane-von-richthofen-anteci-pa-saida-temporaria-de-dia-das-maes.html>
- 7 <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/05/suzane-richthofen-da-endereco-falso-e-passa-dia-das-maes-fora-da-prisao.html>

- 8 <http://vejasp.abril.com.br/cidades/suzane-richthofen-namorado-tremembe/>
- 9 <https://www.youtube.com/watch?v=OQNcMb9JU0>
- 10 <http://extra.globo.com/casos-de-policia/namorado-de-suzane-von-richthofen-diz-ter-perdido-emprego-apos-inicio-de-relacionamento-19395191.html>
- 11 <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,rogerio--o-discreto-namorado-de-suzane-no-interior-de-sp,10000050196>
- 12 <http://www.ccmj.org.br/sites/default/files/BARBOSA%20Marialva.pdf>